

O TEATRO DO MUNDO NA BIBLIOTECA DE UM DRAMATURGO

MARIA JOÃO BRILHANTE

CENTRO DE ESTUDOS DE TEATRO DA FACULDADE DE LETRAS
DA UNIVERSIDADE DE LISBOA (CET-FLUL)

É uma banalidade afirmar que uma biblioteca revela os interesses do seu dono. Tal como as bibliotecas de Mário Jacques, Mário Barradas e João Perry, a de Luiz Francisco Rebello, que foi doada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa em 2012, não é exceção e as cerca de 2500 obras que encerra permitem fazer o retrato do homem que dedicou a sua vida ao teatro como dramaturgo e como estudioso. Trata-se de uma biblioteca que constituiu a base para um sólido conhecimento do teatro: da sua história, teoria, géneros e linguagens. Nela se encontra tudo aquilo que define Luiz Francisco Rebello como profundo conhecedor de uma área de saber e como alguém que manteve em permanente atualização os instrumentos bibliográficos com que respondia às suas necessidades de conhecimento através de espécies publicadas ao longo de décadas, sendo as mais significativas as de 1960, 70 e 80, mas com muitas dos anos 40 e 50 – quando não era fácil o acesso, em Portugal, a livros de teatro –, incluindo até um conjunto de obras raras, nacionais e internacionais, que remontam

a meados do século XIX, expressão de uma bibliofilia que também caracteriza e dá cor à sua biblioteca.

Como em qualquer biblioteca especializada, encontramos as inevitáveis obras de referência – histórias, enciclopédias e dicionários de teatro –, algumas com ilustrações ou propondo mesmo uma história “pictural” do teatro. São, na sua maioria, datadas dos anos 1950 e 60, e correspondem a narrativas históricas não nacionais (as nacionais também existem na biblioteca), dando conta de perspetivas francesas, italianas e inglesas, que constituíam, à data, o conhecimento disponível mais atualizado sobre o teatro e o espetáculo. Mas também esta secção foi alvo de atualização, como revela a existência da importante enciclopédia dirigida por Michel Corvin, publicada em 1998.

É surpreendente a amplitude geográfica, linguística e cultural do acervo bibliográfico reunido por Luiz Francisco Rebello. O leitor encontra obras nos principais idiomas da cultura ocidental. As línguas dominantes são, além do português, o espanhol, o francês, o italiano e o inglês. Mas nem todas se apresentam na língua em que foram escritas. Apetece dizer a quem se interessa por tradução e circulação da literatura pelo mundo que esta biblioteca é um caso de estudo revelador de como se procura superar as dificuldades linguísticas de forma a não deixar de lado uma só zona da cultura teatral mundial. Caso flagrante é o das inúmeras antologias com traduções de peças de teatro da Ásia, da Rússia e da União Soviética (em 1946), de teatro escandinavo, polaco ou húngaro, para mencionar algumas. Mas em matéria de antologias de peças, que permitem, por amostra ou tema, obter uma visão de conjunto de uma dramaturgia contemporânea tantas vezes desconhecida, há exemplos da América Latina (Chile, Venezuela, México, Argentina) – cujo acesso no mercado livreiro português (mas não espanhol) seria porventura mais difícil –, de peças

L. F. REBELO

ESPÓLIO DE LUIZ FRANCISCO REBELLO, CORTESIA DA BIBLIOTECA DA FACULDADE DE LETRAS DA UL.
[F] MARIA JOÃO BRILHANTE.

de temática *gay* (logo em 1977), de conjuntos de teatro popular, de teatro do exílio, censurado, proletário (na República de Weimar) ou revolucionário, de peças em um ato, e, claro, coletâneas de autores clássicos (Ruzzante, Shakespeare, Gozzi, Artur Azevedo, Molière, Corneille e Gil Vicente pela mão de Carolina Michaëlis de Vasconcelos), cujas peças aparecem também em edições autónomas, conjuntos que abrangem vários séculos de escrita dramática, como o teatro italiano do século XV ao século XX, ou do drama escrito por mulheres do final do século XIX aos anos 30 do século passado. É abundante a presença da dramaturgia portuguesa e de estudos fundamentais para a história do teatro português. Aliás, como seria de esperar, Luiz Francisco Rebello é também autor na sua própria biblioteca e vários prefácios a obras de outros autores podem ser aqui recuperados.

A primeira constatação de quem percorre cada item do catálogo em linha é, justamente, o privilégio concedido à literatura dramática. Seria fastidioso e quase impossível enumerar todos os autores e peças que adivinhamos terem sido a base de sustentação da cultura literária de Rebello, no que ao género dramático diz respeito. Terá lido uma peça por dia? Arrisco dizer que não existe um autor essencial do teatro ocidental, dos clássicos aos contemporâneos, nacionais e sobretudo estrangeiros, que não esteja representado por mais do que uma peça, por vezes em mais do que um idioma. Alguns são-me desconhecidos, outros não são conhecidos como dramaturgos, mas também escreveram pelo menos um texto dramático, como Maria Judite de Carvalho. Vão de Terêncio, Menandro e os tragediógrafos gregos a Salazar Sampaio (e os autores da sua geração), Jorge Silva Melo (e os que vieram depois da revolução de Abril), Ibsen, Pirandello, Brecht, Pasolini, Ionesco, Pinter, Vinaver, Sinisterra, Caryl Churchill, para mencionar alguns das centenas de renomados autores representados nesta biblioteca. Trata-se de um reportório ao nosso dispor, na

língua mais conveniente, com prefácios iluminantes e que qualquer estudante de literatura e de teatro precisa de conhecer para entender os caminhos da escrita ocidental até ao pós-dramático, às experiências pós-modernas e à perda de centralidade do texto na performance. Talvez para regressar, por esse caminho, à literatura.

Parecem estar menos representadas outras áreas do teatro. Mas existem obras relacionadas com a encenação e a passagem do texto ao palco, através da presença de Strelher, Otomar Kejca e Schlemmer, Lorca e La Barraca, Boal e o teatro do oprimido, Anne Bogart e os viewpoints, e dos franceses do Cartel muito influentes no teatro europeu da primeira metade do século XX (Dullin, Jovet e, sobretudo, Copeau). E é possível encontrar estudos sobre encenação e preparação técnica do ator, sobretudo publicados em Espanha, nos anos 90 e já neste milénio, pela revista e editora da ADE (Asociación de Directores de Escena), mas também na América Latina, filão do moderno teatro não europeu que teve muita importância na expansão do teatro universitário a partir da década de 60 em Portugal.

Também não ficam de fora desta biblioteca estudos sobre cenografia contemporânea, em obras dos anos 60 e 70, sobre organização de redes de teatros em Espanha (em 2000) ou gestão cultural, sobre arquitetura teatral, sobre espaços como o Casino de Paris, o Teatro de Chaillot, o Teatro Nacional de São Carlos, o Espaço Memória do Teatro Experimental de Cascais, e ainda sobre o Music Hall, as comédias da Broadway, a revista (França, Reino Unido e Estados Unidos da América), sobre circo, sobre *commedia dell'arte*, sobre géneros como o *guignol*, o burlesco, o *boulevard*, as variedades, o teatro *chico*, a *zarzuela*, a opereta (através de uma preciosidade editorial de António Pinheiro datada de 1911) e, em geral, todas as manifestações europeias de teatro popular.

